

## Considerações finais

Fabiola Colombani Luengo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUENGO, FC. *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 142 p. ISBN 978-85-7983-087-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Se um dos objetivos da educação é o de auxiliar o sujeito a construir uma autonomia do pensamento que “obrigue sua consciência” a respeitar as regras do grupo depois de raciocinar com base em princípios de reciprocidade se aquela regra é justa ou não, isto deverá ser alcançado por meio de relações que não envolvam a coação e o respeito unilateral; caso contrário poderá se obter um comportamento desejado pelo adulto, mas ao preço de reforçar a heteronomia e não um juízo autônomo.*

Araújo apud Aquino, 1996, p.114

O presente estudo procurou compreender a relação entre indisciplina e diagnóstico de TDAH a partir da queixa do professor no âmbito da educação infantil, construindo uma reflexão crítica acerca das práticas sociais e educativas que ora se configuram, mediante a análise da educação contemporânea e do resgate his-

tórico da escolarização no Brasil, apontando questões sobre a patologização, a medicalização escolar e o processo de higienização, ocorridos historicamente nas escolas e presentes na sociedade contemporânea, a qual ainda mantém o formato de uma sociedade eugênica e disciplinar.

Assim, esta pesquisa, buscou responder às seguintes indagações: com o intuito de alfabetizar precocemente, os educadores procuram moldar a criança num ambiente disciplinador, e isso acaba por desestimular a criatividade, a autonomia e a liberdade de expressão na criança? Os educadores estão confusos em relação às atitudes das crianças ou não estão sabendo diferenciar a indisciplina de diagnóstico de TDAH, ou mesmo saber ao certo o que é *normal* e o que é *patológico*, enquadrando no crivo da *anormalidade* toda e qualquer criança que não se enquadre aos padrões desejados pela escola?

Diante dos propósitos deste trabalho, com os instrumentos metodológicos já citados, fizemos um estudo sistematizado que nos possibilitou identificar, após a análise dos dados, a forma com que os professores da educação infantil estão trabalhando com a questão da indisciplina e sua relação com o TDAH na realidade pesquisada.

Que a escola é historicamente um lugar disciplinador isso já se sabe, mas o que se pode perceber, a partir da pesquisa de campo, é que a educação infantil, mesmo com os avanços que já foram alcançados, após a Constituição de 1988, vem demonstrar um trabalho centralizador, pelo qual o professor culpabiliza o aluno pelo fracasso, atribuindo-lhe rótulos estigmatizantes que o apontam como indisciplinado e incapaz, de forma a enquadrá-lo num lugar de exclusão, sem considerar o seu modo de ser.

A criança, ao chegar à escola, deixando o aconchego do seu lar, se depara com essa forma de funcionamento educacional, na qual a intolerância, a falta de paciência e o desrespeito às singularidades estão quase sempre presentes. A escola deveria oferecer também um espaço de atividades livres e lúdicas, com o intuito de despertar

na criança o desejo de criar e de aprender, conforme sua própria curiosidade, necessidade e interesse, sem ser submetida a exames e avaliações classificatórias, pois ela representa, para a criança, uma iniciação da vida social, fase em que os pequenos passam a se relacionar com um mundo fora do seio familiar, conectando-se às novas experiências.

Dessa forma, é exigido do aluno que ele se adapte aos ritmos escolares intensos, submetendo-se às práticas de imposição e aceleramento. Um exemplo é a apostila, que alfabetiza precocemente com o objetivo de “prepará-lo” para o ensino fundamental. Para alcançar os objetivos pedagógicos vigentes no planejamento, é exigido da criança que ela se mantenha atenta e interessada durante todo o período escolar. Mas se adultos, na universidade, desconcentram-se ao permanecer sentados por muito tempo ouvindo aulas e palestras, como é possível que crianças tão pequenas possam corresponder a essa expectativa dos educadores?

Ao esperar que o aluno se comporte como mero espectador na sala de aula e que contenha suas ações, manifestando-se somente quando convidado, seguindo uma postura obediente e submissa, cria-se um modelo de aluno *normal* e *disciplinado*, ou seja, isso passa a fazer com que esse molde imposto pela escola venha a classificar os comportamentos da criança, havendo previamente um padrão considerado normal e outro desviante.

Aquele aluno que não corresponde ao padrão de normalidade exigido pela sociedade passa a ser olhado com os “olhos” de um sistema que não respeita as características singulares, ficando vulnerável às intervenções. Ao estigmatizá-lo, por não corresponder aos anseios sociais, cria-se a possibilidade de “tratá-lo” para que só então ele esteja apto a participar de uma vida escolar produtiva.

De acordo com os dados extraídos, encaminhar aos profissionais da saúde crianças consideradas fora do padrão esperado já é uma conduta de rotina presente na esfera da educação. Os professores justificam a atitude, argumentando que, sem a ajuda dos especialistas parapedagógicos, fica difícil controlar alguns alunos na

sala de aula, pois afirmam que há os que necessitam de tratamentos específicos, inclusive medicamentosos, por apresentarem comportamentos considerados *anormais*.

Esses considerados “diferentes” sofrem por causa de uma sociedade com ideais que visam a uma constante homogeneização e universalização do homem, e os psicofármacos surgem como grandes auxiliares nesse processo de dominação.

Porém, assim como a criança é alvo dessas imposições sociais, o professor também o é, pois embora tenhamos apontado as práticas educativas que controlam, disciplinam, estigmatizam, patologizam e medicalizam a criança, sabemos que o educador é produto de um sistema político-social em que a sua formação profissional é deficiente e, além disso, precisa corresponder a uma exigência de produtividade imposta socialmente, num país em que há uma expressiva desigualdade social que gera visões distorcidas de sucesso e fracasso, influenciando a conduta das pessoas nos diversos espaços sociais.

Como profissionais da área da Psicologia e da Educação, gostaríamos de sugerir grupos de discussão com os educadores, com o intuito de dividir nossas reflexões que, ao longo da pesquisa, possibilitaram-nos fazer muitos questionamentos.

Inicialmente, poderia ocorrer uma devolutiva, que não se limitaria a destacar somente os dados coletados, mas também apontar questões pertinentes ao trabalho, por meio de eixos que serviriam como ponto de partida para os debates. Nesses encontros, poderíamos lançar questões para se pensar coletivamente, tais como:

- Esclarecimento dos termos específicos.
- Pensar a sociedade higienista, eugênica e disciplinar.
- Refletir sobre a postura do educador diante da patologização, a medicalização e os efeitos dos psicotrópicos.
- Pensar a criança e as influências que o meio exerce sobre elas.
- Refletir sobre a prática do educador.
- Pensar a relação professor-aluno na educação infantil.

Esses temas poderiam ser discutidos por meio de diversas atividades, como dinâmicas, indicação de leitura, filmes, músicas, poemas e atividades lúdicas, com o intuito de consolidar as questões tratadas no grupo.

Ao tomarmos a posição de pesquisadoras, devemos dar continuidade às indagações e reflexões contidas nesta pesquisa, pois o trabalho não acaba aqui. É apenas o início de uma caminhada, pois, se cada qual engavetar suas descobertas, outras deixarão de existir. Ao expor nossas opiniões, tornamos esta sociedade mais democrática. É desse encontro, dessa troca, que surgem o conhecimento e as transformações.